

O CORPO DA MULHER NO PERÍODO COLONIAL

O corpo da mulher, visto na Idade Média início da Idade Moderna, oscilava em uma série de concepções que se moviam desde o desejo ao repúdio. É notável que a sensualidade, bem como erotismo, eram vistos nessa época de forma bem diferenciada. Os objetos de desejo do homem eram outros, apesar do desejo sexual ter por dever ser negado. A forma que a mulher era notada e imaginada neste período de transição temporal carrega características de ambos os momentos, com diferenças notáveis e igualmente interessantes. . Neste período o padrão de beleza saudável tinha na aparência gorda o mais alto nível de beleza, pois ao se apresentarem assim as mulheres demonstravam sinal de boa alimentação e saúde.

A mulher tinha que ter em seu corpo, para que oferecesse desejo, aos homens a maior número de partes cobertas possíveis, pois o desejo pelo corpo da mulher se manifestava de acordo com o que não se mostrava. Sendo assim inicia-se a idéia de fetiches por pés e rostos. Mesmo no Brasil colônia com ausência de materiais e a pobreza latente, a mulher casta e pudica ainda era bem vaidosa, cuidava de sua aparência com todas as possibilidades se “escondendo” como poderia para atizar o desejo. Sendo assim também era caçada pela igreja que via neste manifesto a busca pela ornamentação do intermediário do pecado que seria o corpo feminino.

O fato de a igreja “caçar” o corpo feminino e seus objetos de desejos o cobre de pudor, onde a castidade passa a ser exercida de todas as maneiras possíveis. Os órgãos sexuais femininos, como apregoados pela igreja, eram vistos como a entrada para o pecado e porta condutora ao inferno, estes deveriam, por sua vez, ser utilizados apenas com fins reprodutivos. A mulher para esboçar toda sua castidade no período deveria raspar suas partes íntimas para remover todo traço de erotismo deixando-se apenas como órgão estritamente reprodutor destituído de prazer e desejo.

O “vaso natural”, como era chamado era intenso alvo de estudos renascentistas, porém os cientistas portugueses por estarem destituídos dos estudos das demais regiões da Europa, tinham a crença sobre o órgão feminino de que este funcionava como uma bolsa produtora de ovos, e a mulher encarregada de cuidados e o processo de fecundação. A falta de estudos reduzia a mulher ainda mais na sociedade, pois era comparada ao homem e tinha seu total prazer ignorado e excluído, apregoando ainda mais sua função reprodutora. Acreditava-se neste período, com base em estudos filosóficos, que o útero era um animal que se movia dentro da mulher, podendo-lhe causar asfixia e quando se movia produzia fumos que infectavam outras funções da saúde mental e corporal feminina. O útero era o ser vivo encarregado de todo processo, a mulher vista com passiva neste processo encarregada apenas de portar este “ser vivo” na concepção medieval.

O útero, também chamado “madre” era visto como toda a fonte de desejo que a mulher pudesse ter por se caracterizar como um “ser” a parte era capaz de se aproximar do homem e se não o fizesse poderia ser asfixiado e causar sérios danos à mulher. Sendo assim a mulher passa a ser a responsável por todo o desejo sexual, uma vez que o desejo era encarado como necessário para sobrevivência e também como doença era estritamente feminina, pois o homem não carecia deste para sobreviver.

As índias por apresentarem uma pele naturalmente morena, cabelos pretos olhos puxados e negros bem destacados na face juntamente com o corpo gordo e de aspecto saudável e os constantes banhos nos rios, construía o ideal de beleza e desejo existente no século XIV. O padrão de beleza, descoberto na época da

batalha entre mouros e cristãos, fora encontrado no Brasil de então. A forma com que era encarada a inocência das índias nos primeiros anos coloniais era representada em pinturas que seriam mostradas na Europa, onde as representações traziam seus corpos nus ornados de penachos sobre a cabeça e sempre montando animais para atizar a curiosidade européia no período. Até mesmo o fator de “depilação das partes íntimas” era uma característica vista como traço de inocência, uma vez que a mulher do período medieval tinha em sua “penugem íntima” o mais alto símbolo de erotismo. Porém oriundos destes dois fatores: o nu e o desejo pelas índias, houve uma notável mudança na concepção que se tem das índias neste período.

Na Europa, os valores mudavam mais rápido que no Brasil. Com o avanço do novo sistema econômico (Capitalista). Inicia-se uma valorização das ornamentações corporais, com alguns resquícios medievais sobre o mesmo. Uma vez que as pinturas das índias chegavam a Europa, se via nelas a pobreza latente neste lado do mundo, pois, em seus corpos esteticamente “perfeitos” com seios pequenos, peles morenas e outros detalhes vistos pelos colonos. Faltavam os ornamentos, oriundos dos tecidos caros existentes como especiarias daquele lado do mundo. Também a visão do que a mulher tinha de mais sagrado que era o próprio corpo, bem como dos banhos era agressiva aos olhos das mulheres européias.

O fato da conduta indígena e da atração de colonos para com as índias, era mal-vista aos olhos da igreja, que como já sabemos, mas vale ressaltar caminhava juntamente com todo tecido social apregoando valores e condutas morais que nem sempre eram seguidas. Os indígenas eram poligâmicos, desavergonhados e estimulavam o desejo sexual irrefreável dos Colonos, então Cristãos e sendo assim necessários de negar o prazer. Esta percepção fez com que os jesuítas escrevessem neste período uma serie de tratados de conduta que os índios deveriam seguir, como se vestir e se portar em meios sociais. As índias a partir deste contexto, passam a ser vistas como mulheres fáceis por serem selvagens e assim propícias à fornicção não merecendo as honrarias do matrimônio, pois estas por serem “naturais” já estavam e só deveriam ser usadas para fins sexuais, e não necessitavam também de uma abordagem romântica permitindo que os homens coloniais fossem mais diretos com estas, bem parecidos com a conduta usada para com as negras.

É importante ressaltar também que a recusa ao prazer era latente neste período, sobretudo por um fundo religioso, porem a atividade sexual masculina deveria ser constante. O desejo constante pelo prazer por ser negado pela igreja no período da reforma religiosa começa a ser caracterizado como uma doença e esta deveria ser tratada para refrear esta busca. Existiam neste período uma serie de tratamentos e mitos que visavam diminuir a libido em busca do prazer, pois este era tratado como oriundo do clima quente, da alimentação diferenciada e causadora da redução da vida do homem. Porém o homem após casado, deveria fazer ser constante com sua mulher, e não falhar, pois impotência era muito mal vista no Brasil colônia. Isto levava a uma nova busca alimentícia de especiarias e frutos naturais, tais como: cebolas, testículos de galo e a própria maconha importada como especiaria para fins sexuais.

As negras no período colonial tinham sua classe social reduzida a uma classe mais baixa de que as prostitutas européias. Estas tanto escravas quanto livres não tinham honra nenhuma em seu tratamento social e sexual. Somada à condição feminina, as negras se viam destinadas a fornicção sem rodeios eventuais. Uma vez que sendo considerada uma classe trabalhadora, estas mulheres na visão dos

colonos não precisavam passar por toda sorte de galanteios para se conseguir a atenção ao prazer, pois para estas poderiam se utilizar a linguagem chula e direta ao assunto. Por serem selvagens não detinham os valores destinados as mulheres brancas. Também, além da objetividade eram sempre humilhadas e desejadas ao mesmo tempo, retratadas em alguns poemas com certo enaltecimento da beleza e busca desta outras vezes com toda sorte de insultos e ofensas.

Para mulheres brancas neste período, sendo estas escassas, na colônia se dedicavam toda forma de galanteios e tentativas de conquista que iam desde elogios a beleza destas até o ato de presentear para com quem se pudesse conseguir o matrimônio ou mesmo se escapar das condenações pecaminosas. A fornicção era pauta para muitas conversas no meio masculino, pois em meio a um ambiente estritamente religioso era presente o medo da condenação eterna. Sendo assim esta com as mulheres tidas como “selvagens” era mal-vista e contada para não caírem em condenação, mas esta com as mulheres virgens era ainda pior, pois a partir da primeira vez a condenação era imediata. A mulher da Corte deveria guardar o pudor e a castidade para o casamento, e se conservar para o marido para ser uma mulher bem vista na sociedade.

A mulher branca no casamento, era tida como fonte reprodutora e responsável pelos cuidados do lar. Com a escassez de mulheres brancas para casamento e posterior povoamento nas colônias, vale ressaltar que estas foram trazidas da Europa para serem “doadas” ao casamento com colonos portugueses instalados no Brasil, uma vez que se casar com negras e índias era inviável, pois as mulheres negras eram mulheres selvagens e destinadas a uma condição servil. A mulher branca no casamento, deveria se manter submissa, sempre dedicada aos desejos e prazeres do marido e também tomar uma conduta paralela ao pudor.

Concluindo é notável que ao decorrer do período colonial brasileiro uma serie de valores, regras morais e de conduta vão se moldando e tomando tons com sinais evolutivos. E importante ressaltar que neste período como dito acima a mulher sempre foi ignorada e maltratada por sua condição considerada inferior, e em muitos casos acentuada por conta de sua condição social e étnica. A mulher fora vista como a margem da sociedade durante vários séculos sendo ressaltada apenas como reprodutora e autora dos desejos masculinos, culpada por uma serie de fatores e desvios morais.

Autor: Adolfo dos Santos Junior

Instituição: UNIFAN

Palavras-chave: Mulher, Brasil, Colônia.

Referências Bibliográficas

THOMAS, E. Skidmore. **Uma História do Brasil**, São Paulo: Paz e Terra, 1998.

DEL PRIORI, Mary. Da colônia ao império. In: **Histórias Íntimas** Sexualidade e erotismo na história do Brasil, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

WEHLING, Arno. Família: casamento e divórcio, concubinato e prostituição. In: **Formação do Brasil Colonial**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.